



Namastê, meu amigo!

Não tenho a mínima ideia de quantos leitores seguem minhas crônicas ou sequer se os tenho. Eu mesmo não sei se as leria até o fim.

Mas volto a contar histórias destas que, ao fim, pretendem lembrar a necessidade de se manter o processo civilizatório em marcha.

Ou, do ponto de vista cristão, que se cumpram os 10 mandamentos. Acho até que cumpridos os dois ou três primeiros nossas vidas mudariam.

São histórias que valorizam o ser humano. Valores materiais, vícios culturais, crenças baseadas no senso comum que são postas de lado.

Lembrei-me delas ao responder a um amigo que gostara do budismo, mas não queria “afastar-se de sua religião”.

Diz o budismo que você não se converte a ele, mas você “se descobre budista”. Não é uma religião...

Um ótimo exemplo é dado pelo japonês que convive, ao mesmo tempo, com o budismo e o xintoísmo. Este último valoriza os fenômenos naturais como o vento, montanhas, rios, florestas etc. Quando alguém quer ter mais mobilidade (talvez por ter artrite etc.) vai a um templo xintoísta e pede ao vento e/ou aos rios que “flua” melhor. Se outro está, indeciso, com dúvidas existenciais e não sabe que rumo dar à sua vida, vai a um templo budista e “filosofa” segundo os critérios da impermanência da vida.

As duas correntes juntas proporcionam ao povo japonês uma harmonia e uma soma assertiva. Eu sempre admirei esse modo de pensar e agir. Esforcei-me para chegar ao Zen Budismo. Ao cabo uns 20 anos percebo-me apenas um Zé Bun...! Mas, ao menos, aliviou-me a ansiedade.

Teria muitas histórias para ilustrar o que afirmo, mas por razões de espaço, contarei três. Mas com força exemplar. A elas!

Dois jovens fizeram seu aprendizado num monastério budista por anos a fio. Um, terminando, voltou às aldeias da região, situadas num vale no sopé das montanhas. O outro se submeteu a um conhecido teste ou também aprendizado levado em plena natureza. Para poucos... O “treinando”, com alta capacidade de concentração, entra em pose de lótus em plena natureza, ao ar livre. Como conseguem baixar o ritmo metabólico e com pressão sanguínea quase zero (essas condições já foram aferidas por universidades inglesas e indianas), não comem por um longo período – de meses, alguns por até um ano inteiro. Cabelos e unhas crescem. Também raízes e plantas envolvem o meditador. Já vi um filme onde monges vão retirar, dessa hibernação, o discípulo. Com cuidado e vagarosamente cortam suas unhas e cabelos. Depois começam a estirar membro por membro muito lentamente. E levam-no para um banho no lago e/ou numa cachoeira. As feras, como tigres e ursos, passam e deitam ao lado do discípulo sem molestá-lo. Algo fora do comum, mas já registrado.

Mas, retornando, o jovem que hibernara vai até as vilas procurar seu companheiro de iniciação. Até que o encontra, mas estupefato, não consegue acreditar no que vê!

Seu amigo com um avental e com as mãos sujas de sangue de algum animal (na Índia o boi é sagrado). Ele trabalhava num açougue! Mas eis que, nessa hora, ele teve um insight ao perceber a tremenda superação de seu amigo ao enfrentar algo tido como proibido. Em compensação estava em um local onde poderia orientar as pessoas que, achava, mais poderiam precisar do ideário budista! Vamos à outra história...

Uma noite de forte nevasca num mosteiro do Himalaia os monges tiritavam encolhidos e abraçados pelo frio intenso e pela fogueira que se extinguiu.

Chega o velho monge cheio de neve e quando vê a fogueira só com poucas brasas surpreende-se e avisa: “a noite mal começou! Vocês irão morrer de frio na madrugada!”

Ao que os monges respondem que acabara a lenha e lá fora havia mais de um metro de neve. Como fazer?

O sábio monge já abraçara, então, uma enorme estátua de madeira do Buda carregando-a em direção à fogueira. Para a perplexidade dos monges atirou-a ao fogo. E sentou-se em posição de lótus esfregando as mãos perto das primeiras labaredas. Antes de aquietar-se apenas murmurou: “se vocês estavam dispostos a morrer achando que o Buda está nesta estátua, vocês não entenderam nada!”.

De outra feita o monge e seu discípulo iam por um campo quando chegaram a um regato estreito, mas de águas revoltas devido às pedras. Ao lado uma jovem grávida pedindo ajuda para atravessar, por medo de cair e molestar o feto. O discípulo desculpou-se, mas lembrou dos votos de castidade e de que não poderia tocá-la. E atravessou a corrente. Quando olha para trás surpreende-se com o velho monge carregando-a.

Três dias depois, no monastério, o discípulo pergunta ao mestre como rompera os votos? O monge responde: “eu a carreguei por três minutos e você a está carregando por três dias!”.

O entendimento, elegante, curto e direto, foi rápido e didático.

Estas são as histórias que talvez leve alguém, como eu, a se identificar com uma filosofia, ou um estilo de vida, que mostra que deve-se pensar mais no lado importante da vida, no lado humano. Superar o tabu do animal morto para a nossa alimentação para poder ajudar as pessoas. Nem morrer de frio devido a imagens, nem deixar de ajudar uma pessoa necessitada por crenças que, naquele momento, não tinham a menor importância.

Penso que esse conjunto de histórias nos faz lembrar que é preciso pensar em fatos mais importantes e focados em valores humanos do que em ondas passageiras por um ou outro fato momentâneo. Superando ídolos que, na maioria das vezes, são falsos. Superando também a ansiedade do “TER” para a paz do “SER”. E conservarmos, sempre e cada vez mais, os laços afetivos que tivermos, a ligação com as pessoas que gostamos e com as quais convivemos. Afinal existe algo mais importante do que isso em nossas vidas? 🍷

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br